

A NOITE EM QUE O  
**AMOR MORREU**

UM ROMANCE DE  
**Taís Moraes**

ESCRITORA PREMIADA  
COM O JABUTI DE MELHOR  
LIVRO-REPORTAGEM EM 2006

EDITORA PENALUX

Guaratinguetá, 2018



Rua Marechal Floriano, 39 – Centro  
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260

penalux@editorapenalux.com.br  
www.editorapenalux.com.br

EDIÇÃO: França & Gorj

REVISÃO: Daniel Zanella

CAPA E EDITORAÇÃO ELETRÔNICA: Guilherme Peres

---

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

---

M827n MORAIS, Taís.

A noite em que o amor morreu/ Taís Morais – Guaratinguetá, SP:  
Penalux, 2018.

346 p.: 21 cm.

ISBN: 978-85-5833-446-4

1. Romance 2 Ficção I. Título

CDD B869.93

---

Índice sistemático:

1. Literatura brasileira

Todos os direitos reservados.

A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida  
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.

# 1

---

## Janeiro de 1968

ANGELINA SEMPRE FORA MUITO AGITADA. Quando menina, fazia esportes na escola, estudava inglês e música. No Ensino Médio, ela não dormia cedo. Sempre inventava uma coisa para fazer. Escutava música, conversava com os amigos, saía com os amigos ou para passear de patins. Era o fim dos anos 60. Os jovens da idade dela ou eram antenados ou alienados, simples assim.

Ela era precoce e inteligente. Articulada, conversava sobre qualquer assunto, inclusive política. Adorava esportes e, mesmo assim, começou a fumar aos 17. Aprendeu em casa. Todos os dias, após o jantar, seus pais tomavam drinques e acendiam seus cigarros para conversar.

O pai de Angelina, Paulo Roberto, nascido no Rio de Janeiro, completara 42 anos. Advogado, trabalhava no Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro. Em 1964, quando o presidente Castelo Branco assumiu o governo, Paulo recebeu a oferta de ir para Brasília e gostou da ideia. Mulato de olhos castanhos claros, corpo robusto, belo e rosto austero, era dono de uma simpatia invejável. Gostava de uísque e de bossa nova.

Escapara de servir as Forças Armadas por estar na faculdade e por trabalhar para sustentar a mãe e dois irmãos menores. O pai de Paulo faleceu quando ele era ainda bem garoto. Para ter paz na vida e segurança financeira, tornou-se servidor público. Casou-se com Marisa em julho de 1950. Com uma cerimônia simples e pouquíssimos convidados, a união foi selada na Igreja Nossa Senhora da Penha. Em agosto do ano seguinte, nasceu Angelina. A única filha do casal.

Marisa, 36 anos, morena clara, longos cabelos castanhos e olhos negros bastante expressivos, nascera em uma tradicional e abastada família da Baixada Fluminense. Conheceu Paulo na universidade. Mas desistiu do Direito e formou-se em Filosofia. Possuía ideias modernas e estava sempre atenta às novidades. Era a favor dos movimentos de esquerda e se dizia progressista. Gostava de Chico Buarque e da Tropicália. Falava francês e tocava piano. Aprendeu a tocar violão junto com Angelina para incentivá-la. Marisa e Paulo eram muito diferentes, mas ela atribuía o sucesso do casamento a isso. “Somos almas gêmeas, ele tem o que falta em mim e vice-versa!” — dizia sorrindo.

Marisa parou de trabalhar quando Paulo foi transferido para Brasília. A cidade não oferecia muitas oportunidades, então, ela optou por passar mais tempo com a filha. Orgulhava-se da educação da herdeira. Tentou engravidar novamente, mas não conseguiu. Dedicou o seu tempo para a única criança que, segundo ela, Deus lhe enviara. Durante um jantar, no início de 1968, a conversa entre os três acontecia



alegre como sempre. De repente, Paulo parou de falar, pegou um papel e, com uma expressão sisuda, anunciou:

— Filha, o resultado da universidade saiu, você viu?

— E então? — questionou Marisa.

— Fala, pai! Anda logo! Eu passei?

— Você acha que estudou o suficiente?

— Sim, papai, estudei! Fala!

— Passou, querida! Parabéns.

— Estamos orgulhosos! Muito orgulhosos! Parabéns — completou Marisa com um grande sorriso e um abraço na filha.

A moça tinha apenas 17 anos. No ano anterior, varara madrugada diante dos livros e enciclopédias. Dedicou-se muito para entrar na única universidade pública de Brasília, a UnB. Estudou mais de 12 horas por dia. O resultado foi como esperava e ela seria caloura no tão sonhado curso de Pedagogia. Já no curso, suas notas foram excelentes. Nos dois primeiros semestres, ela só pensava em ser a melhor da turma. “Eu vou vencer e ser alguém muito importante! Serei a professora que mudará a cabeça dos alunos. Juntos, faremos a diferença neste país!”, profetizava em voz alta.




Em 1969, no terceiro semestre da faculdade, ela, que jamais se envolvera em ações de estudantes, nem no efervescente 1968, quando a onda de protestos acontecia pelo mundo todo, passou a interessar-se pelo movimento estudantil.



Um pessoal, com quem ela tinha afinidade na turma, a convidou para uma reunião no diretório acadêmico e ela gostou muito. O primeiro contato mudou sua visão e ela decidiu participar das atividades. Os discursos eram apaixonados e envolventes. A cada reunião, sentia-se mais atraída por aquele mundo da esquerda e por suas ideologias. Ouvira que havia outros diretórios ainda mais animados e passou a frequentar os encontros de outros cursos. O mais empolgado era o de Geologia, por onde passara Honestino Guimarães, um líder estudantil muito admirado e que fora expulso compulsoriamente da UnB no ano anterior.

Na universidade, conheceu muita gente. Muitos tornaram-se amigos. Um deles, Renato, chamava a atenção das moças. Particularmente, de Angelina. É um rapaz lindo, ela dizia. “E estuda na Comunicação Social, vai ser jornalista!”. Renato era magro, mas de porte atlético. A pele morena clara combinava com os olhos grandes e expressivos. Os cabelos castanhos, lisos e despenteados, emolduravam perfeitamente o rosto de feições finas. Vestia-se de modo despojado e seu andar era puro charme. Angelina gostava ainda mais quando ele subia na cadeira e falava das suas ideias e ideais. Era um tipo diferente dos rapazes que ela conhecia. Ao mesmo tempo em que falava sobre Marx e Lênin, gostava de histórias em quadrinhos, carteados e jogava vôlei muito bem.



Apaixonado pelas ideias esquerdistas, gostava de especular sobre os rumos da política. Ótimo orador, alegre e comunicativo, seus discursos sempre atraíam muitas pessoas. Angelina se apaixonou tanto que até trocou de curso só para ficar



mais perto. A nova turma era fonte de inspiração. A luta armada era a única solução e ela decidiu participar mais ativamente das ações do grupo. Discutiam sobre Marx, Lenin e Fidel. Ficou maravilhada quando discutiram as táticas utilizadas pelo exército vietcong na Ofensiva de Tet — que ela nunca ouvira falar — quando invadiu 34 capitais vietnamitas.



Com o passar dos meses, Angelina passou a transpirar ideologia. Imaginava que, quando se formasse jornalista, denunciaria na imprensa as barbáries e as injustiças. Atuaria também na luta revolucionária para ajudar a livrar o país da perversa ditadura militar que oprimia os brasileiros.



Nas vitrolas, tocavam as músicas críticas ao regime. As letras burlavam a censura e incitavam a rebeldia. Angelina e seus amigos estavam vivenciando as mudanças de comportamento. No vestuário, a calça jeans tornava-se um símbolo. Mulheres e homens podiam vestir a mesma peça de roupa.

No diretório acadêmico, as conversas e o material impresso nos mimeógrafos a álcool repercutiam o momento de crise entre governo e opositores. Os jovens queriam contribuir para a retirada do Brasil das mãos dos militares. Mais do que isso, eles queriam o sucesso do socialismo. Desejavam viver em um lugar onde tudo fosse de todos, com oportunidades, deveres e direitos iguais. Admiravam Cuba e Fidel Castro, contudo, ignoravam a verdade sobre a pequena ilha do Caribe.

A Primavera de 1968 ainda inspirava paixões e, nas reuniões, sempre falavam sobre ela.

— Meu irmão — contou Renato certo dia —, o Osvaldo, estava em Paris na primavera passada. Viu tudo. Ele fala que aquilo foi um sonho em forma de fogueira. Não havia nacionalidade para a luta! Todos estavam unidos na mesma causa! Todos na mesma trincheira! O Daniel Cohn-Bendit, o sardento de 23 anos, liderava os estudantes. Osvaldo diz que o cara não tinha pinta de herói, nem era um intelectual. “Era super simples, mas muito engajado na luta. Eu queria ter estado lá”, suspirou Renato.

— Eu também! Teria sido o máximo! — vibrou Angelina.

— Meu primo também o conheceu! Participou da mesma conferência de imprensa que o Daniel, na Sorbonne. Foi um *happening!* — comemorou Sofia, uma garota tímida, de uns 22 anos, atrasada na faculdade por ter ficado clandestina por um tempo. Um dia ela contou sua história: precisou mudar de nome depois que seus pais foram “desaparecidos” pela repressão. Uma tia, freira, salvou Sofia. Mas ela não sabia como.

— Gente! Isso é muito legal. E ouvir tudo sem ter vivido é muito estranho. Me sinto vazia! — reclamou Angelina.

— Então, meta-se na luta! — desafiou Sofia, que também tinha uma queda pelo Renato.

— Eu irei, tenha certeza.

Renato pediu a palavra e voltou a exaltar o irmão.

Isaura, membro ativo do movimento estudantil, era bem calada. Gostava mais de ouvir. No entanto, naquele



momento, ela interrompeu Renato e a sua voz imponente tomou a sala.

— Eu quero é que a nossa luta cresça! Eu não gosto do Cohn-Bendit porque ele não é e nem nunca quis ser um general. Uma pessoa que deseja apenas ser comandada não será seguida. Eu quero ter meu exército! Cheio de gente valente, bem treinado, forte de convicções e de coragem.

Angelina ainda não sabia, mas Isaura era militante do partido clandestino Vanguarda Armada Revolucionária Palmares (VAR-Palmares).



Numa noite nublada, no fim de novembro de 1969, a turma assistia a palestra de um cara mais velho, o Luiz. Ele contava como Fidel Castro estava melhorando Cuba. “Ano passado, o Comandante desapropriou os últimos estabelecimentos privados — bares, livrarias e oficinas. Os cubanos estão muito contentes”.

— É isso aí, o *El Comandante em Jefe* tá botando os malditos capitalistas pra fora! — gritou um rapaz.

— Ele já colocou, cabeça de abóbora. Agora está apenas terminando o serviço — respondeu outro.

— A gente aqui falando do *El Comandante* e se esquecendo da lei de censura de obras de teatro e cinema. Esse AI-5 (Ato Institucional nº 5) é um calo. A gente tem que continuar reagindo a isso. Não podemos nos calar! Não podemos aceitar tudo e depois reclamar aqui. Vamos pra luta, rapaziada, na rua! — conclamou Renato.



---

Este livro foi composto em Bembo Std  
pela Editora Penalux e impresso em papel  
pólen soft 80 g/m<sup>2</sup>, em outubro de 2018.

---

